



IDENTIDADE AFRO-DESCENDENTE DE UMA MULHER, NEGRA E EDUCADORA NO SUL DE SANTA CATARINA

Kelly Cristina Fernandes da Rosa¹
Gladir da Silva Cabral

1. Introdução

O interesse por estudar e compreender a atuação das professoras negras, sua presença no magistério ao longo da história e suas vivências com o preconceito vem surgindo diante de um número significativo de pesquisas realizadas no Brasil. Paulatinamente, educadores têm construído grupos de estudos sobre a temática das relações raciais na educação e vários resultados de pesquisa têm sido publicados.

Dentro desse contexto, sentimos a necessidade de investigar a atuação de uma educadora negra: **Enedina Rosentina Alano da Rosa**, reconstruindo as memórias de sua identidade afro-descendente e suas ações pedagógicas nos municípios do sul catarinense. Além de investigar a atuação da professora Enedina, fez-se necessário ainda dar visibilidade à mulher negra educadora, bem como ressignificar sua identidade. Desse modo, pretendemos reconstruir a história de uma mulher negra no espaço educacional, na condição de sujeito da sua própria história.

O presente artigo orientou-se para a história de vida da professora Enedina Rosentina Alano da Rosa, a qual dedicou 50 anos ao ensino público, primeiramente no município de Laguna, onde se formou no Ensino Complementar² na Escola Básica Jerônimo Coelho, localizada no centro histórico, indo trabalhar primeiro na comunidade de Roça Grande, pertencente a Imbituba, lugar em que permaneceu por cinco anos. Em seguida, foi transferida para Imaruí, ficando lá por 15 anos. Depois foi transferida para a comunidade de Rio Queimado, no município de Lauro Müller, onde trabalhou na Escola Isolada Farroupilha por cinco anos até se aposentar, vindo a residir em Criciúma, onde ainda alfabetizou operários, mineiros e jovens filhos de operários por mais 25 anos.

A coleta dos dados empíricos foi feita primeiro com arquivos das escolas por onde Dona Enedina passou, matérias publicadas nos jornais locais, relatos de experiências escritos por ela e

1 Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado), Criciúma (SC). Contato kellycfr33@yahoo.com.br

2 As escolas tinham objetivo de dar sequência ao ensino ministrado pelos Grupos Escolares e facilitar a formação de professores normalistas.



ainda pelo depoimento realizada com sua filha Onélia Alano da Rosa,³ que é militante do movimento negro de Criciúma e presidente do clube União Operária (“clube dos negros”), e ainda com a filha Oneide,⁴ que é professora aposentada de Educação Física.

Selecionamos apenas essa professora como foco de abordagem do universo histórico-educacional da mulher negra, reconstruindo a biografia da professora Enedina.

2 Percurso histórico-biográfico de Enedina

Primeiramente, apresentaremos a história da infância, juventude de Enedina Alano, sua passagem como estudante pelo Grupo Escolar Jerônimo Coelho, no município de Laguna. Faz-se necessário recompor a identidade étnica da jovem educadora, as marcas de discriminação, bem como o preconceito silenciado, velado na voz do sujeito da pesquisa.

2.1 Origem de Enedina: infância e família

A catarinense natural da histórica cidade de Laguna, Enedina Rosentina Alano da Rosa, nasceu no dia 10 de novembro de 1906 no morro da Carioca. Filha de Teodora Alano, mãe solteira, foi criada pela avó Leopoldina Alano, que a incentivou a estudar para ser professora. Era filha única e o orgulho da família Alano. Onélia da Rosa nos conta mais sobre isto:

A Leopoldina era avó, mas ela chamava de mãe Leopoldina, mas a mãe de sangue dela era Teodora, que está sepultada aqui [Criciúma], e é mãe dessa minha tia. Elas são irmãs só por parte de mãe, o pai é outro. O Alano da minha mãe é por causa da parte de pai, e quem criou ela foi a avó. O pai dela foi servir o exército, a mãe dela ficou em Laguna, solteira, e a Leopoldina tirou a neta da mãe, levou a pra criar.⁵

Segundo Onélia, a avó queria colocar o nome de Enedina, porém o avô, Rosentina, ficando denominada Enedina Rosentina. “Tanto que ela queria Enedina e o avô queria Rosentina. Na briga, daqui e dali, ficou Enedina Rosentina Alano.”

De acordo com o depoimento de Oneide,⁶ o sobrenome Alano, de origem espanhola, aponta para certo desejo de ascensão social no contexto da família lagunense, mas ao mesmo tempo revela os conflitos da noiva/namorada (Teodora), que não conseguiu romper o lugar de subalternidade ao qual estavam destinadas não só a ela, mas as mulheres negras da época.

³ Entrevista concedida em setembro de 2008.

⁴ Entrevista concedida em março de 2009.

⁵ Onélia da Rosa. Entrevista concedida a Kelly Cristina Fernandes da Rosa em setembro de 2008, na cidade de Criciúma.

⁶ Oneide da Rosa. Entrevista concedida a Kelly Cristina Fernandes da Rosa em março de 2009, na cidade de Criciúma.



A mãe dela era mãe solteira, era lavadeira. Era mãe solteira porque a avó por parte de pai, não deixou casá com a vó lavadeira porque era pobre. Eles eram uns negros da Laguna pianista, tinham loja de piano, armazém. Eles eram uns negros ricos de Laguna, os Alanos. A minha mãe era a mais preta dos Alanos.

Sabe-se que sua infância foi rigorosamente vigiada pela avó, que a criara com dedicação e esforço. Assim, de acordo com Onélia, a mãe:

Teve uma infância pobre, mas muita dedicação e exigência da avó Leopoldina. E tinha que ser professora, tinha que saber fazer tricô, bordar, cozinhar. Ela nunca deixou a neta ir pra cozinha, nada. Tinha era que ser prendada. Tinha era que estudar, fazer crochê, saber bordar, saber poesias, ler. Ela lia, que a minha bisavó era analfabeta. Então, ela lia em voz alta pra velhinha porque ela queria saber.⁷

Nota-se que o universo familiar da menina Enedina proporcionou a ela o aprendizado de certas habilidades manuais e possibilidades de acesso à educação geralmente encontrados entre famílias brancas economicamente abastadas. Esses hábitos da família Alano sugerem certa influência da matriz europeia, já que os Alanos tinham “posses”, como vimos no depoimento de Oneide.

2.2 História escolar de dona Enedina

De 1915 a 1922, Enedina estudou na Escola de Educação Básica Jerônimo Coelho⁸ onde cursou o primário, como também o Ensino Complementar. “Fiz os Cursos Primário e Complementar no Grupo Escolar Jerônimo Coelho, da minha cidade natal.”⁹

Não há registro de que Enedina tenha cursado o primeiro ano na escola regular. O que se sabe, segundo o histórico da instituição, é que havia uma professora que alfabetizava as crianças da localidade.

Vê-se no **Livro de Registro de Exames** que a aluna Enedina frequentou a escola a partir dos nove anos de idade, em anos alternados (dos 9 aos 13). Tal fato faz pensar sobre a possível discriminação sofrida quando criança por não ter frequentado regularmente o ensino primário no Grupo Escolar Jerônimo Coelho. Teria a menina Enedina sentido certo desconforto por ser aluna irregular e pela diferença de idade em relação às suas colegas de sala? Ou quem sabe tenha sofrido rejeição por ser uma menina negra frequentando a escola?

Quando Enedina saiu do seu contexto familiar, indo para o ambiente escolar, foi para obter formação científica e profissional. Assim, nos documentos encontrados na instituição, não é

⁷ Idem

⁸ Fundado durante o governo de Vidal Ramos (1910-1914), esse grupo escolar foi comandado de 1911 a 1913 pelo professor Orestes Guimarães, vindo de São Paulo. Nesse período instalou-se e organizou as escolas nas cidades de Laguna, Lages, Itajaí, Blumenau e Joinville.

⁹ Relatório escrito por Enedina Alano da Rosa encontrado na casa da filha Onélia da Rosa.



possível visualizar a questão racial. Ao mesmo tempo, a filha Onélia diz que “na época já havia muitos negros estudando em Laguna”.

Segundo depoimento de sua filha Onélia:¹⁰

Ela tinha muito orgulho de falar no Grupo Escolar. Depois, eles se encontravam, os amigos. Uns foram morar no Rio, outros saíram, ela veio pra cá. De vez em quando se encontravam na festa de Santo Antônio de Laguna. E o que falavam mais era sobre o Grupo Escolar. Eles se encontravam vários anos. A data certa era a festa de Santo Antônio, em junho, dia 13 de junho. Que aí, quem tava longe vinha todo dia 13 de junho. Aí eles se encontravam lá, as amizades antigas, sabe, o bate-papo da festa. Era o prazer deles virem pra Laguna se encontrar.

Na continuação, Enedina deixa registrado em seu relatório, encontrado na casa de sua filha Onélia, que a sua cidade natal trouxe uma das principais recordações: o Grupo Escolar Jerônimo Coelho,¹¹ como também os amigos que fez durante o período escolar.

3 Reconstruindo a história profissional de Enedina

Seguindo a história de Enedina como também os dados empíricos, teóricos e históricos da pesquisa, apresentamos passagens importantes de sua vida como educadora negra no meio rural. Sua trajetória histórico-educacional como trabalhadora da educação começa em 21 de agosto de 1924¹² em Roça Grande (Imbituba), onde permaneceu por cinco anos; depois seguiu para Samambaia (Imaruí), lugar em que se casou, teve os filhos e os viu crescer, mas também enfrentou o falecimento do marido, aos 33 anos de idade. Viveu nessa localidade por 15 anos. Em seguida, mudou-se para Rio Queimado (Orleães, hoje Lauro Müller), vivendo por lá cinco anos até a sua aposentadoria, vindo finalmente para Criciúma, onde trabalhou ainda com alfabetização de adultos.

3.1 Primeiro emprego de professora

Um ano e meio depois de concluir o ensino complementar, Enedina iniciou as atividades educacionais na localidade de Roça Grande, em Imbituba, na Escola Isolada Roça Grande. Lá permaneceu por seis anos (de 1924 a 1929).

No relatório escrito pela professora no dia 24 de outubro de 1995, alguns meses antes de falecer, lê-se o seguinte:

¹⁰ Onélia da Rosa. Entrevista concedida a Kelly Cristina Fernandes da Rosa em setembro de 2008, na cidade de Criciúma

¹¹ A reforma de ensino era uma ação política de Vidal Ramos, o qual organizou as instituições catarinenses de acordo com o modelo paulista de Educação. Esse governador queria “fundar um novo tipo de escola”, capaz de oferecer ao aluno professores qualificados, estabelecendo uma fiscalização técnica e administrativa constante.

¹² Esta data pode ser comprovada no documento anexo a este trabalho localizado na EEB Prof. André de Sousa.



Aos 21 de agosto de 1924, fui nomeada por telegrama, para lecionar na localidade de Roça Grande, município de Imbituba, que era chefe escolar, o tenente José Ovídio da Rosa. Assumi no dia 26 de agosto do mesmo ano, lecionando até 23 de abril de 1930.¹³

Em 1920, segundo o histórico encontrado na atual escola, foi criada a Escola Isolada de Roça Grande,¹⁴ que no mesmo ano passou a se chamar Escola Reunida de Roça Grande.¹⁵ Um novo decreto retificou sua denominação, que se tornou Escola Reunida Professor André Antônio de Souza. Enedina Alano trabalhou nessa escola no período de 26 de agosto de 1924 a 23 de abril de 1930, do qual se encontram poucos registros.

Durante o percurso desta pesquisa, percebemos a dificuldade de encontrar preservada a memória da educação catarinense nas Escolas Isoladas Rurais no interior do Estado, especialmente as mais antigas.

Com isto pode-se constatar que a educadora negra atuante nesse município catarinense rompeu com os estereótipos impostos às mulheres negras no início do século, tornando-se professora aos 18 anos, afirmando, assim, sua identidade.

É necessário reconhecer, no entanto, que há invisibilidade da mulher negra e professora na sua história de luta e resistência. Enedina afirmou sua identidade, que foi historicamente reconstruída na história da educação do sul catarinense. De fato, Enedina junto com todas as mulheres negras sofreram e sofrem duplo preconceito: o de gênero e o étnico. Segundo Oliveira (2006),

O imaginário de mulheres brancas e o de mulheres negras revelam concepções diferentes de vida e de famílias e suas inserções sociais são distintas e previamente determinadas pelas origens sociais, raciais e étnicas. As mulheres negras que pertencem às classes mais pobres, pouco escolarizadas, vivem no dia-a-dia a desvalorização pessoal e têm consciência de que são diferentes das mulheres brancas. (p. 37-8)

Vê-se que o acesso da mulher negra a melhores patamares sociais é fortemente dificultada pelo fato de ter herança mestiça. Desse modo, tanto Enedina quanto a sua família tiveram de transpor obstáculos impostos pela sociedade eurocêntrica, já que a diferença racial e de gênero, na época, era bastante forte.

3.2 De Roça Grande para Samambaia

¹³ Relatório escrito pela professora Enedina e entregue à câmara dos Vereadores de Criciúma a fim de receber o título de cidadã honorária deste município.

¹⁴ Típicas da zona rural, nessas escolas, segundo Fiori (1978), um só professor ensinava, no mesmo horário e na mesma sala de aula, a todos os alunos da escola, embora estes apresentem diferentes níveis de adiantamento escolar.

¹⁵ Em 1915, surgiram as Escolas Reunidas, as quais expressavam o processo de mudança e evolução da Escola isolada.



Na Escola Reunida Professor Olímpio Córdova Valente,¹⁶ encontra-se registrado no histórico da escola o nome da professora Enedina apenas como a segunda alfabetizadora na localidade de Samambaia. Há ainda o Plano Político Pedagógico atualizado pela Secretaria Municipal de Educação de Imaruí. Em outro documento comentando sobre essa época, Enedina escreve o seguinte:

Fui removida para a escola estadual da Samambaia no município de Imaruí, digo mista, aos 24 de abril de 1930, onde fiquei até 1945. Era governador nessa época, Dr. Nereu Ramos. Em 1944, decretou que todas as professoras deveriam voltar à escola onde foram nomeadas. Voltei Pescaria Brava assumindo a minha vaga: a perseguição continuou; officiei ao Sr. Governador expondo o caso e voltei para Samambaia.

No texto acima, Enedina utiliza palavras incomuns como “officiei”, “assaz”, “expondo”, “aos 27 de janeiro”, “por não haver na localidade recursos médicos”, o que revela bom domínio da norma culta, bom uso das estruturas argumentativas, familiaridade com termos formais e a linguagem oficial, que certamente atestam sua formação e prática como educadora.

Nessa época, Enedina deparou-se com a discriminação profissional quando foi rejeitada pela comunidade de Pescaria Brava, tendo de permanecer em Samambaia. A “perseguição” a que se refere a professora eram a discriminação racial e a perseguição política. Assim, de acordo com o depoimento da própria Enedina: “Fui removida para a localidade de Pescaria Brava, município de Laguna. Por perseguição política e preconceitos, não me foi possível ficar, nessa localidade (1930)”.¹⁷ Enedina revela plena consciência do processo excludente e racista.

De acordo com o depoimento de Oneide,¹⁸ a perseguição política resultaria até em ameaça de morte. Assim, a filha disse que:

Ela foi muito perseguida politicamente. Isto porque ela era negra e por causa do partido. Em Imaruí quem mandava eram os Bitenourt. Eles mandavam em tudo. Então, se não era do lado deles, se era contra eles, eles perseguiam. Aí ela foi pra Samambaia e ela tirou a vaga de um chefão daqueles lá da política do local. Aí ela foi dá aula na Pescaria Brava porque ali (Samambaia), eles queriam matá-la.

Seguindo o depoimento da outra filha Oneide,¹⁹ ela só reafirma o preconceito e perseguição política:

Em Pescaria Brava, ela tirou o lugar de uma branca, que o chefão da Pescaria Brava era branco. Quando ela chegou a branca é que dava aula, mas como ela tinha diploma, ela tirou o lugar da branca, que não tinha. E ele era assim tipo capataz, aí eles quiseram matá porque era negra e tirou o lugar da branca.

Tal situação sugere quanto preconceito Enedina sofreu na sua vida adulta. De fato, o fenótipo foi o elemento definidor para as marcas do racismo presentes nos indivíduos daquela localidade (Pescaria

¹⁶ Localizada na comunidade de Samambaia, no município de Imaruí, a Escola Reunida Professor Olímpio Córdova Valente, segundo o **Livro de Registros** e o Plano Político-Pedagógico da instituição, iniciou suas atividades como uma escola mista, funcionando em três casas.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Oneide da Rosa. Depoimento de março de 2009.

¹⁹ Idem.



Brava). Essa é a única vez que se encontra registrada nos depoimentos de Enedina a afirmação de que sofreu rejeição pelo fato de ser negra. Curiosamente, ela reconhece a discriminação como sendo por “perseguição política”. Isso pode nos fazer lembrar o que afirma Oliveira ao dizer:

As mulheres negras e mestiças, de classe média em geral, descobrem tardiamente as dimensões do ser negra em nossa sociedade, às vezes somente no fim da adolescência ou já na idade adulta, quando sofrem discriminações na escola ou no trabalho, ou nas relações afetivas com homens negros e brancos. (p. 38)

Analisando os depoimentos deixados pela professora, constatou-se que ela possuía um cargo que era sinal de *status* elevado diante de uma situação de desigualdade racial e de gênero.

3.3 Transferência para Rio Queimado, em Lauro Müller²⁰

Conforme documentos colhidos no arquivo morto da Secretaria Municipal de Lauro Müller, a Escola Isolada Farroupilha, pertencente ao Distrito de Barro Branco, iniciou suas atividades em 11 de maio de 1945. Quatro meses depois, dona Enedina foi transferida para essa instituição de ensino. Isso, pode-se constatar no seu depoimento:

Fui então removida para escola estadual de Farroupilha, município de Orleans para localidade de Rio Queimado, assumindo no dia 27 de junho de 1945; lectionei até 18 de setembro de 1949, data essa da minha aposentadoria. Com muito sacrifício, dei estudos aos meus filhos: Osnildo-José fez o ginásio no Seminário de São Ludgero: não foi possível continuar os estudos, mais tarde tirou o curso de encanador. Odilon-Joel cursou o primário no Senai em Siderópolis e foi construtor de obras; Oneide frequentou o colégio Stela Maris de Laguna, terminando o primário na escola estadual de Barro Branco, município de Lauro Müller.

Percebe-se o valor que Enedina dava à educação dos filhos e ao mesmo tempo a dificuldade que teve de dar a eles uma formação educacional mais sólida. O texto fala de “sacrifício” de dar estudo aos filhos, fala das impossibilidades que fizeram com que os filhos fossem encaminhados para cursos profissionalizantes.

3.4 Chegada a Criciúma após a aposentadoria

Em Criciúma, Enedina desempenhou papéis de mãe, professora, catequista e militante política, que ficaram definidos e instituídos pela sociedade. Brandão, falando a respeito dos atores sociais, entende por identidade:

O processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras formas de significado. Para um lado, no entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. Isto porque tradicionalmente os sociólogos têm denominado papel, e conjunto de papéis. (1986, p. 2)

²⁰ Nesta época Lauro Müller pertencia ao município de Orleans (SC).



Essa identidade atribuída à qual se refere Brandão (1986) leva em conta não só a cultura do indivíduo, mas também o papel que ele desempenha na sociedade. Isso está presente em Enedina na sua auto-representação: na Igreja, é catequista; na escola, professora; nos municípios, militante política.

Continuando o percurso histórico, é preciso dar visibilidade à história de vida educadora do Sul do Brasil. Segue-se o seu depoimento deixado na Câmara dos Vereadores de Criciúma:

Tendo chegado em Criciúma, seguindo a minha vocação. Comecei a lecionar particular (em casa). Eis que faleceu a professora do Curso Supletivo de Alfabetização de Adultos e Adolescentes da Vila Operária, que devido ser correligionária dos partidos já mencionados (UDN e PTB), o Sr. Heriberto Hülse, conseguiu que eu substituísse, começando a lecionar dia 2 de maio de 1953 até 30 de abril de 1978.

O senso do exercício do professorado como “vocação”, não como profissão simplesmente, revela indícios de uma mentalidade prevalecente no passado sobre o sentido vocacional do exercício do trabalho do professor, uma profissão de status na época. Já o envolvimento político de Enedina, suas ligações com Heriberto Hülse, revela ativismo político de caráter partidarista, como também domínio da linguagem argumentativa e oficial.

Na história dessa educadora, marcada pelo compromisso com a cidadania, o papel de alfabetizadora dos operários trabalhadores revela o caráter social (ensinava numa salinha nos fundos da casa) da profissional da educação. Vejamos seu depoimento:

Em 26/08/24 iniciei minha carreira de professora por vocação. Após completar 25 anos de magistério, dediquei meus conhecimentos para ajudar os jovens e adultos de Criciúma a tornarem-se pessoas estudiosas e desenvolvidas cultural e politicamente. Quando do falecimento da professora do curso de alfabetização de adultos e adolescentes da Vila Operária em 1953, assumi a responsabilidade do referido curso, sendo designada anualmente e paga pelo tesouro do Estado.

Vê-se que, após a aposentadoria, Enedina se engajou na responsabilidade social, alfabetizando jovens e adultos. Diante disso, a alfabetizadora mostrava-se ativa, desafiando as autoridades que estava ali naquele projeto pessoal, mas ao mesmo tempo coletivo para anunciar que uma mulher negra realizava uma atividade emancipadora para a vila Operária.

Já no que diz respeito à “vocação” de que enfatiza a professora, isso faz-nos refletir o quanto a prática social do magistério na escola na escola elementar é vista por muitas mulheres como “vocação”. Assim, de acordo com Chamon (2005, p. 66):

A vinculação entre ação educativa e catequética, entre a figura da educadora e da missionária passou a associar-se à imagem da mulher, na qual as principais qualidades deveriam ser a virtude, o amor e o desapego às recompensas materiais.

Vê-se, neste caso, que o lugar da mulher passou a ter destaque dentro da família. Isto porque ela assumiu uma nova “roupagem” no imaginário público e privado, tanto em nível educacional e religioso quanto em nível político.



Sabe-se que não houve obstáculos para a professora na dedicação ao ensino de jovens e adultos num bairro de operários (Operária Nova), e estes tinham dificuldades a serem superadas, tais como: conquistar o emprego e votar nas eleições. Será que o papel da professora Enedina se tornou fundamental para “politizar” os alunos para o exercício da cidadania? Sabemos, na verdade, que esse exercício da cidadania era ideologicamente conduzido, já que a educadora era militante política nesse município, ou seja, ensinava jovens e adultos a votar induzindo determinado candidato.

Quanto ao “desenvolvimento cultural” de que fala a professora, é necessário primeiro entendermos que “cultura é considerada uma forma de produção, especificamente como formas nas quais os seres humanos compreendem suas vidas, sentimentos, crenças, pensamentos e a sociedade mais ampla” (Giroux, 1987, p. 65). Desse modo, a professora não pretendia apenas que os estudantes acumulassem conhecimentos, mas que adquirissem valores éticos e sociais que pudessem ser transmitidos às futuras gerações.

De fato, há que se registrar que Enedina nunca trabalhou em escolas de prestígio nas cidades por onde passou, mas sempre em grupos escolares pequenos, escolas básicas e rurais, mesmo em Criciúma, quando chega já aposentada. A ela foi permitido ocupar espaços de periferia (escolas isoladas e reunidas), e jamais colégios de tradição, públicos, confessionais ou particulares. De acordo com a professora Maria Teresinha Pieri:²¹ “Talvez seja mais por ela ser de bairro. Porque eles focam mais a situação financeira”. O que a professora quis dizer é que ela não foi reconhecida pelo fato de ser moradora do bairro Vila Operária e não moradora da área central.

Continuando seu depoimento, dona Enedina afirma que lecionou em vários lugares da Vila Operária, para que os alunos não ficassem sem aula. Vejamos a seguir:

Em 1965, por não ter saído a nomeação do estado, solicitei ao então prefeito Sr. Arlindo Junkes uma ajuda da Prefeitura Municipal para que o curso não sofresse solução de continuidade, no que fui atendida e passei a lecionar no barracão da Igreja Santa Bárbara, na casa do Sr. Maurílio Fernandes no bairro Operária Nova e por fim numa sala improvisada em minha própria residência, sempre recebendo por recibo, na Secretaria de Finanças da Prefeitura. Continuei trabalhando como professora e alfabetizando milhares de adultos e adolescentes até 1978, tendo a feliz oportunidade de em 1974 completar 50 anos de magistério, fato que foi comemoração por muitos dos ex-alunos, colegas e familiares.

Nota-se ainda a linguagem precisa, argumentativa e eloquente de dona Enedina, bem como a relação de aproximação com a instituição religiosa. Lecionar “no barracão da Igreja” sugere determinação e dedicação à comunidade da Vila Operária, alfabetizando adultos e jovens.

²¹ Ex-diretora da EEB Coelho Neto. Atualmente trabalha como auxiliar de direção na mesma instituição. Pedagoga, com especialização em Orientação Educacional e trabalha na rede pública estadual de 1983. Entrevista concedida em agosto de 2008.



Dessa maneira, a militância pela educação formal no município de Criciúma teve uma participação relevante de dona Enedina, e ela ainda participou de movimentos sociais. Sua experiência na educação deu-lhe a percepção das diferenças étnico-culturais e suas implicações políticas, o que a levou à tomada de consciência quanto aos seus direitos e deveres de cidadã e à percepção da complexidade dos conflitos das relações raciais na sociedade brasileira.

Não há dúvidas de que obstáculos sempre existiram, mas a cidadã Enedina buscava superar os limites estabelecidos, principalmente pela consciência que tinha de que fazia parte dos menos favorecidos na sociedade. Com eles sempre se ocupava e em suas lutas se engajava. Quanto aos filhos dos pobres que eram assistidos pela professora, eles enfrentavam muitas dificuldades e precisavam superá-las para mais tarde ingressarem na 5ª série através de um exame exigido na época. De acordo com a professora Maria Teresinha Pieri:²²

Naquela época, para ingressar na quinta série do ginásio, a gente tinha que fazer uma prova (tipo um exame de admissão). Então, toda aquela gurizada que cursava a quarta série, eles se preparavam para o exame de admissão. Na época, eram poucos colégios que tinham a quinta a série. Tinha o Lapagesse e o Joaquim Ramos (públicos) e o Michel e o São Bento (particulares). Como a gente tinha que disputar, pois eram crianças de toda a redondeza, de todos os bairros que iam estar concorrendo à escola pública! Era quase como um vestibular de hoje. Tinha que saber matemática, português, conhecimentos gerais, ciências, tinha tudo para fazer o exame de admissão.

O fato de Enedina ajudar as crianças no exame de admissão mostra não só a sua polivalência nos conteúdos da grade curricular, mas também revela que estava ali, que não queria ser totalmente invisível na sociedade.

Além disso, constatou-se que a professora reivindicou o salário após a aposentadoria, pois recebia apenas gratificações durante anos. Ela mesma nos afirma em seu relatório: “Eu recebia uma gratificação da prefeitura, para trabalhar de 15 de janeiro de a 15 de dezembro, seguindo o currículo escolar. Faz 38 anos que recebo essa gratificação, atualmente R\$ 110,00 reais.”

Apesar de todas as dificuldades e barreiras, Enedina consegue ascender, não só profissionalmente, mas também socialmente, pois se tornou uma forte liderança religiosa e política. Por outro lado, havia o cuidado com os filhos que desejavam não só atenção da mãe, mas precisavam do trabalho dela para o seu sustento.

4 Considerações Finais

A análise da situação da mulher negra professora demonstra que, mesmo com a formação escolar em uma instituição de ensino renomada na época, e mesmo possuindo qualificação, a

²² Idem.



mulher negra se tornou invisível na história oficial do sul catarinense. Observou-se, ainda, que essa mulher negra não esteve imune aos tratamentos discriminatórios destinados aos negros e à mulher em nossa sociedade. Isso repercutiu duplamente na sua inserção no mercado de trabalho quando Enedina foi transferida para a comunidade de Pescaria Brava.

Pôde-se verificar que a alfabetizadora negra falou de si mesma nos depoimentos, na sua trajetória escolar, nas lutas, nas expectativas, decepções e conquistas. Esses fatos fizeram com que a educadora rompesse o silêncio não só da questão racial nas escolas, sendo professora negra, como também o duplo bloqueio gênero/etnia.

5 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlo Rodrigues. **Identidade e etnia:** construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério:** ambigüidades e conflitos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público.** Florianópolis: Secretaria da Educação/Gabinete do secretário, 1978.

GIROUX, Henry. **Escola Crítica e Política Cultural.** São Paulo: Cortez, 1987.

OLIVEIRA, Eliana de. **Mulher Negra:** trajetória, conflitos e identidade. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.